

Narrativas de um desastre e a percepção da vítima: uma hermenêutica das narrativas de si das vítimas indenizadas no contexto do desastre socioambiental da Braskem em Maceió¹

Sabrina Feitoza LIMA²

Emanuelle Goncalves Brandao RODRIGUES³

Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

Resumo

Este trabalho se situa em um contexto de intensas disputas políticas em torno do desastre socioambiental provocado pela mineradora Braskem em Maceió, Alagoas, que atingiu mais de 60 mil pessoas diretamente e resultou na destruição de cinco bairros da cidade. Voltando-se para os públicos atingidos e suas percepções sobre a realidade concreta dos fatos, nosso objetivo é compreender como os atingidos indenizados produzem sua “identidade narrativa” (Ricoeur, 2010), sustentando-se na abordagem hermenêutica que congrega as perspectivas de análise de narrativas de Rodrigues (2022) e Raúl Díaz (1999), ambos apoiados em conceitos de Paul Ricoeur (1991, 2010). Constatamos que os conceitos de vítima, desastre e pertencimento estão em permanente construção, envolvendo uma série de mediações sociais, evidenciando-se à medida em que os indivíduos narram a si e constroem coletivamente a memória social.

Palavras-chave: vítimas; desastre; Braskem; narrativa; memória.

Em 2026 completam-se oito anos do início do desastre socioambiental que assolou Maceió, Alagoas, e que atingiu mais de 60 mil pessoas diretamente. O Serviço Geológico do Brasil (SGB) afirma que o desastre foi responsabilidade da extração de sal-gema pela Braskem. A empresa fez cinco bairros fantasmas e produziu milhares de vítimas que ao longo do tempo culminaram no que hoje se entende como um público indesejado pela Braskem.

Este trabalho marca a finalização do projeto de pesquisa vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (Pibic) intitulado como “Narrativas de um desastre e a produção social da vítima: hermenêutica das narrativas em torno da crise socioambiental da Braskem em Maceió”. Aborda, especificamente, o plano de trabalho focado nas vítimas indenizadas, voltando-se às construções narrativas dessas vítimas. Se deseja dar protagonismo à maneira como reconstroem suas memórias a fim de analisar o processo que leva à construção da ideia de vítima e outras significâncias que envolvem o tema. Pretende-se, a partir dos resultados

¹ Trabalho apresentado no Espaço Graduação, atividade integrante do XX Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e Relações Públicas.

² Estudante de Relações Públicas da Universidade Federal de Alagoas, sabrina.lima@ichca.ufal.br.

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação, professora da Universidade Federal de Alagoas, emanuelle.rodrigues@ichca.ufal.br.

das entrevistas, aprofundar as questões que envolvem os atingidos pelo desastre, bem como a maneira como se enxergam nesse contexto e suas perspectivas sobre o processo de desterritorialização (Nunes, 2024) e outros aspectos.

Para identificar nas narrativas a construção do “si mesmo” (Ricoeur, 1996), foram utilizadas técnicas de entrevistas em profundidade com roteiro semiestruturado de perguntas, possibilitando a percepção e descrição dos fenômenos (Duarte, 2015) numa análise mais complexa dos entrevistados. Kaufmann (2013) contribui com a técnica da entrevista compreensiva, útil em pesquisas qualitativas sobre identidade, traumas e relações sociais. A amostragem, escolhida a fim de uma nova perspectiva de um desastre que gerou diferentes configurações de públicos, foi pensada para abarcar dez entrevistados, número reduzido a três pela dificuldade presente na busca por vítimas que aceitassem ceder suas narrativas.

Para as análises das entrevistas, recorreremos à Hermenêutica Dialética das Narrativas (HDN) de Rodrigues (2022) e à metodologia narrativa de Raúl Díaz (1999), em que o sujeito se reconstrói ao narrar a própria trajetória, ambos apoiando-se em conceitos de Paul Ricoeur (1991, 2010) sobre identidade narrativa. Exploramos como o narrador expressa, de forma tácita, sua percepção ética e política ao descrever-se (Díaz, 1999).

A HDN (Rodrigues, 2022) emerge como metodologia essencial à pesquisa, que é compreender o desenvolvimento de si de um indivíduo através da sua narrativa (Díaz, 1999). A HDN separa em três etapas o caminho que deve ser percorrido pelo entrevistador: a Mimese I (M I), que trata da pré-compreensão da narrativa do entrevistado, ou seja, diz respeito ao mundo do narrador e como ele percebe suas experiências; a Mimese II (M II), que abarca a compreensão do texto a partir da referencialidade, comunicabilidade e compreensão presente nele e, por fim, a Mimese III (M III), que é caracterizada pela refiguração do texto pelo leitor (Rodrigues, 2022).

Segundo Ricoeur (1991), nos tornamos nós mesmos através dos nossos relatos de si e pelas histórias que contamos, entrelaçado-se aos seus conceitos de mesmidade, caracterizado pelo processo de continuarmos os mesmos ao longo do tempo e o de ipseidade, definido pela nossa transformação no tempo, processo reconhecido dentro das narrativas dos entrevistados.

Nesta pesquisa, os nomes utilizados são fictícios a fim de preservar suas identidades e as informações trazidas partem das gravações dos áudios das entrevistas mediante autorização para produção das análises. As reflexões procedem do desmembramento das narrativas e identificação dos elementos em comum dentro delas.

A desterritorialização gera efeitos cruéis em populações dotadas de pertencimento. Nunes

(2024, p.298) traz, sob o juízo de Deleuze, que: “um território é um modo de vida, um espaço subjetivo que é afetado por um número limitado de signos”. Sendo assim, as vítimas perderam seus territórios e um modo de vida que ficou para trás, caracterizando a desterritorialização e carecendo de uma mudança: a reterritorialização (Nunes, 2024). Essa, por vezes, explicitada como uma ação violenta e que representa não só uma alteração territorial como também a materialização de um rompimento identitário, descrito na fala de Vitor a seguir:

Mas é triste ver alguns que ainda resistem à questão de não sair em função de gostar muito do bairro, de ter uma identidade, de ter uma história com o bairro familiar. Além do mais, o que eles perderam... perderam a sua identidade, perderam o seu bem e perderam a sua razão de viver. Perderam tudo praticamente. (Diário de campo, 7 out. 2024)

Esse processo foi percebido: Vitor, um aposentado de família grande que foi separada pós-desastre; Aline, uma jovem que lidou com desavenças familiares devido à mudança; Paula, uma jornalista que enfrentou a saúde mental debilitada da irmã pós desastre. A compreensão do entrevistado pelo mediador vem da inteligibilidade presente na narrativa e pelas suas habilidades de situar os eventos da narrativa no tempo, integrando o que Rodrigues (2022) descreve como inteligibilidade e temporalidade presente na M I.

Nesse sentido, importa diluir algumas significações do sentido de “vítima”. O Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP) associa o termo à condição do indivíduo em diferentes contextos de vulnerabilidade e violências, que se somam à vivência dos atingidos. Considera-se também aspectos como o de “vítima coletiva”: “[...] comunidades [...] atingidas pela prática de crime, ato infracional ou calamidade pública que ofenda bens jurídicos coletivos, tais como a saúde pública, o meio ambiente [...]” (CNMP, 2021). Dessa maneira, constroem-se vínculos narrativos e produção de sentido que é experienciado de forma coletiva.

Um exemplo disso, que se conecta com o trazido na M I, é o quanto estar próximo de temas que se ligam ao desastre confere à narrativa um detalhamento maior do mundo do narrador através dele mesmo. Paula, por exemplo, produziu o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre o Bebedouro, bairro em que viveu antes da mudança, favorecendo um exercício constante de memória da sua própria história e contribuindo para a sua construção de si pela narrativa.

Diferente dela, Aline e Vítor acessavam suas lembranças com menos detalhes, mas com igual carga sentimental. Esse aspecto conecta-se ao que Benjamin (1994) fala sobre as histórias contadas pelo olhar dos vencedores (aqui, a Braskem) e a necessidade de dar voz aos vencidos

(as vítimas) para que suas lutas e memórias não se percam. Logo, as diferenças presentes no ato narrativo dos entrevistados tornam-se pequenas diante do simbolismo (Rodrigues, 2022) que as une: a perseverança em continuar a perpetuação das suas histórias. Assim, fortalecem o pensamento de Benjamin (1994), trazendo à frente a visão dos vencidos.

A ausência da família por perto, dos amigos e todo o uso que davam ao bairro é esvaziado com as suas saídas. Os relatos revelam que os entrevistados falam enquanto vítimas e também enquanto produtores de sentido, ressignificando suas trajetórias e possibilitando que a experiência temporal se transforme em algo compreensível e comunicável (Ricoeur, 2010).

A habilidade dos entrevistados de refigurar o tempo está presente nas sínteses que Rodrigues (2022) apresenta na M II. Essa aptidão é notada pelo tecer da intriga pelas vítimas, caracterizada pela maneira com que os fatos envolvidos no processo do acontecimento são narrados (Ricoeur, 2010). Os entrevistados tecem narrativas coerentes entre passado, presente e eventos dispersos, deixando reslumbrar o que viviam e o que passaram a viver pós-desastre.

Todos atribuíram parte de sua felicidade ao local onde viviam com as pessoas que amavam. Foram privados do direito ao lazer e ao uso do bairro, reforçando que “a devastação dos territórios corre em paralelo à violação dos direitos das populações” Aráoz (2020, p. 17).

Outrossim, Aline e Vítor extinguiram os contatos com os antigos vizinhos para manter distanciamento do tema. Portanto, há impacto na maneira como retratam o acontecimento, uma vez que o tempo que vivemos é diferente do tempo que narramos (Ricoeur, 2010). Esse obstáculo narrativo prejudica a referencialidade (Rodrigues, 2022), atrelada a M II e posto como um mecanismo de compreensão da narrativa, sendo justamente o foco da segunda etapa da HDN.

Essas etapas nos levam ao fim do percurso metodológico de Rodrigues (2022), a M III. Ela tem a finalidade de refigurar o que foi apresentado pelos entrevistados, sendo uma nova maneira de interpretar os relatos através agora do mundo do pesquisador, parte em que ele se apropria da narrativa do outro e, a partir da sua compreensão, comete desvios interpretativos.

Nesse sentido, para os atingidos, o que se entende como indenização, pode ser convertido — ou interpretado — em não-reparação. A indenização, embora jurídica, não encerra o sofrimento. Esse aspecto é refigurado como parte da identidade da vítima, que mesmo com novo endereço, o dinheiro não é suficiente para suprir a falta deixada pelas relações extrapatrimoniais.

Assim, memória não deve ser considerada apenas lembrança, mas resistência (Benjamin, 1994) — uma forma de mostrar à Braskem uma afirmação de si, mesmo que pressionados ao silenciamento. Assim, como as pessoas se projetam nas próprias narrativas faz parte do processo

de construção de identidade e é também uma das formas de entender como essas vítimas se enxergam através dos seus posicionamentos e onde querem chegar (Rodrigues, 2022).

Destarte, a narrativa tem um poder simbólico que, atrelada ao indivíduo, constrói sentido e disputa frente a outras narrativas colocadas como superiores. Ela, por meio do resgate da memória, constrói novas noções de vítimas, muito mais profundas e que estão ligadas a questões de moradia, pertencimento, família e outros aspectos fundamentais à vida digna. Reconstruir o si mesmo por meio dessa dialética contribui com a ampliação da construção social da vítima, tão importante quanto outras construções, e coloca a voz dos vencidos como urgente no cenário em que vive a população afetada diretamente pelo desastre causado pela Braskem.

A resistência presente nessas vítimas é um símbolo de que perpetuar a trajetória de um povo é também lutar por justiça e reparação real. Esperamos que um novo olhar seja posto sobre essas vítimas: de compreensão e de interesse em suas lutas contínuas contra um sistema que lucra com a exploração de um território que um dia já foi berço da vida e pertencimento.

Referências

Conselho Nacional Do Ministério Público (Cnmp). **Quem é a vítima**. Disponível em: <https://www.cnmp.mp.br/defesadasvitas/vitimas/quem-e-a-vitima>. Acesso em: 18 ago. 2025.

DÍAZ, R. Personaje e identidad narrativa: uma aproximacion metodologica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 5, n. 12, p. 37-58, 1999.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2015. p. 62-83.

Machado Aráoz, Horacio. **Mineração, genealogia do desastre: o extrativismo na América como origem da modernidade**. São Paulo: Editora Elefante, 2020, p. 17.

NUNES, Gustavo de Oliveira. **Territorializar**. In: ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame. Verbolário da caminhografia urbana. Pelotas. RS: Editora Caseira, 2024.

RICOEUR, P. **O si-mesmo como um outro**. Campinas, 1991.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa 1: a intriga e a narrativa histórica**. São Paulo, 2010.

RODRIGUES, E. G. B. **Narrativas do progresso e do sacrifício: intersecções entre cristianismo e neoliberalismo na comunicação de lideranças religiosas brasileiras**. Tese (Doutorado em Comunicação) — UFPE, 2022. Disponível em: UFPE Repositório.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.